

QUINTA-FEIRA
Lisboa--20 de Março--de 1930

5 ANOS
5100
SÉRIAS
STÓES

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

200



sempre
fi
semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O nosso abraço a Artur Portela



De Espanha portela não se faz nada sem bom casamento, mas foi de lá que veio a magnífica reportagem política de Artur Portela, pequeno na estatura e gigante no talento. A calúnia pretendeu atingi-lo, mas não conseguiu passar além das solas dos seus sapatos. Da calúnia não ficou, desta vez, coisíssima nenhuma: levou com a portela na cara.



Os ditos da semana



Peor a emenda... No seu recente livro «Ce que j'ai vu à Rome», conta Henry Beraud o seguinte:

Exibem-se todos os dias, nos quatro cantos de Italia, fitas cinematograficas, nas quaes figura Mussolini:

«Mussolini, na sua casa de campo», «Mussolini a banhos de mar», etc., etc.

Fascistas exaltados exigem que o publico se levante e tire o chapéu, quando o duce aparece no écran.

Quando calha, surge um espectador que não concorda com a exigencia e refila. Dai as competentes e inevitaveis scenas de traulitada cine-politicas que deixam a mobilia em mau estado e até as cabeças dos porteiros avariadas.

Aqui ha tempos foi Mussolini, incognito, a qualquer terra da provincia e, á noite, aborrecido no hotel onde ninguem o conhecia e onde não conheceu ninguem, resolveu ir até o cinema.

Enfiou-se no seu «fauteuil», com o chapéu sobre os olhos por causa das indiscripções e poz-se a vêr a fita, — uma fita dramatica como ha muitas.

De repente, acaba a fita e outra surge em que ele proprio era protagonista.

O publico, de cada vez que ele entrava em scena, fazia menção de se levantar e tirar o chapéu.

Um unico espectador, porém, se alheava daquela colectiva manifestação de simpatia e respeito pelo Duce — era Mussolini.

O porteiro, receando um d'aguizado, aproximou-se delicadamente daquele espectador desconhecido, e distraido e advertiu-o:

Quando no écran aparecer o sr. Mussolini, levante-se e tire o chapéu.

Mussolini, surpreendido com a intervenção do porteiro, agradeceu a prevenção, mas ficou um pouco enervado, o que não passou despercebido ao porteiro. E o porteiro, por seu lado, ficou também incomodado com a scena, compreendendo perfeitamente que o espectador não tinha gostado do seu aviso.

Para o consolar, o porteiro então segredou-lhe ao ouvido:

—Nós aqui todos pensamos como o sr. mas, como não custa nada, vá sempre tirando o chapéu.

vae muito nas nossas aguas.

O «Sempre Fixe» saúda e agradece a visita do seu filho adoptivo, fazendo votos porque até o fim se mantenha sempre fixe.

Tunel sob a Mancha

A comissão encarregada de estudar a possibilidade dum tunel sob a Mancha, deu parecer favoravel, aconselhando que se construa primeiro um pequeno tunel de experiencia, que importará em 5.600.000 libras.

A ideia é boa, principalmente porque a construção fica muito em conta.

5.600.000 libras é uma miséria.

Segundo parece vae proceder-se de igual modo entre nós, construindo um tunel de trazer por casa, daqui para a Outra Banda. Depois, se se

vir que não dá resultado desiste-se da obra e de tornar a vêr o dinheiro. Lá diz-se que se o projecto falhar é uma Mancha. Cá ninguem dirá o mesmo. Será apenas uma mancha de dinheiro deitada ao Tejo.

Perguntas sem resposta

Porque é que os conductores dos electricos, quando nos perguntam que bilhete desejamos, voltam logo a cara para outra banda, para não verem a moeda ou a assinatura que se lhes apresenta?

Porque é que as senhoras que não gostam que se lhes vejam as pernas, não uzam as saias mais compridas?

Porque é que ha senhoras magras que uzam aparas-seios e homens gordos que os não uzam?

Anuncios A franqueza va muito. Cavalheiro educado e muito sério publica no «Diario de Noticias»:

Casamento

CAVALHEIRO de meia idade, educado e muito sério ma pobre, deseja encontrar senhora até 60 anos, com meios de fortuna. Carte ao Rossio, 42, ao n.º 426.

Gostamos disto. Assim com esta franqueza, é possível arrañjar qualquer coisa sem que haja o perigo de levar ninguem ao engano.

O cavalheiro educado e muito sério, deseja que a senhora com meios de fortuna tenha pelo menos 60 anos, para não ter de atura-la durante muito tempo.

Mas o cavalheiro educado e muito sério podia perfeitamente ser ainda mais claro e mais exigente. Não lhe ocorreu naturalmente uma maneira mais pratica de anunciar que seria esta:

Cavalheiro de meia idade, educado e muito sério, mas pobre, deseja encontrar senhora com meios de fortuna, até sessenta anos, sofrendo de angina pectoris cirrose no figado, insuficiencia da aorta, ou qualquer outra doença de despachar de pressa, para evitar encomodos e despesas de farmacia.

E então, se apparecesse alguma senhora destas que arrebatam por se casar, aquilo era um instantinho: o casamento, o copo d'agua, muitos convidados, um café muito quente e muito forte bebido pela velha, uma janela aberta em correspondencia com uma porta e pronto.

Sete ou oito dias depois lá vae a velha a caminho do Alto de S. João e atraz o cavalheiro educado e muito sério, com muita pena da velha... não ter morrido seis dias mais cedo.

Olhe lá, porque é que o cavalheiro educado e muito sério não vae para a Calabria?

BOURBON E MENESES



«Quem do mundo tirará o par? Ninguem».

Job, cap. XIV, 4.

«Sempre fixe» discorda de Job: Bourbon e Menezes tiram do mundo as purissimas páginas de «A ronda da noite». Saudamo-lo com um entuslastico «bravo», na falta de um dito feliz, de um «caiebour» bom... e Menezes.

«O Fixe» Publica-se, no Funchal, um semanario intitulado «O Fixe».

Literario, humoristico e combativo, que a começar no titulo e a acabar no formato,

Eugenio de Castro Apareceu mais um volume das Obras Completas de Eugenio de Castro — «O Anel de Policrates», «A fonte do Satiro» e outros poemas.

Eugenio de Castro é dos raros poetas que, quando reeditam as suas obras, nos produzem a impressão de que nos dão obra nova, tal o encantamento que sempre se lêem os seus versos, ao contrario de tantos a quem apetece dizer, perante uma segunda edição: —Aprel Já ouvi!

TEATRO

«RETROZ PRETO...»



MATOS SEQUEIRA — o paç — auctor dos beles versos do quadro historico «Almas de Mulher» versos que fazem inveja — aos filhos

O correio traz-nos diariamente algumas cartas onde se versam coisas teatraes. Cada um — coberto pelo anonimato — pretende ter uma opinião sobre este ou aquele artista, sobre esta ou aquela peça. A critica e o comentario teatral nunca são à sua vontade. O anonimato tem sempre uma forma de vê e de pensar diferente daquela que, realmente, tem de dar contas ao publico do que viu e sentiu. Pois bem. A semana anterior, choveu sobre a nossa mesa de trabalho, um mancha acalhar de cartas anonimas. Umias são logo rasgadas. Belsam bifemias ou entram pela vida particular de cada um. Outras, pelo contrario, são já escritas para serem dadas a luz da publicidade. Entre estas, uma mereceu a nossa atençaõ. Julgamos que deve ser desaccada para esta pagina. De mais a carta traz uma ideia. Ideia que «João Pires» — o signatario — deseja vêr perfillhada. Eis a carta:

Sr. «Homem das 5 horas»: — Eu não conheço V. pessoalmente, nem me parece natural que tamanha honra se me depare. V., um intelectual, respira essa atmosfera que eu não hesitarei em classificar de invejavel, onde se geram febrilmente ideias focundas, traços de superior ironia, criticas d'arte elevadas, seguidas de derrubadas ambiciosas.

Eu sou apenas um triste empregado de commercio, que passo oito horas por dia sobre os livros mestres e auxiliares, alinhando cifras numa apagada firma de commissões e consignações. Se eu não recessasse incorrer

no orgulho de construir uma frase, diria mesmo que V., com o seu claro talento, a sua brilhante educação, move-se no palco da vida, no triunfo duma apoteose, enquanto eu occupo na sala escurcida uma cadeira anonima da geral...

E, contudo, succede-me ás vezes, de volta ao lar domestico, desafogados os pés nas chinelas que, por por occasiao do natalicio, minha mulher me ofertou, reviver as impressões colhidas na leitura dum bom livro ou da representaçao duma alta peça declamatoria, surpreendendo-me a completar uma ideia ou mesmo, em occasiões de maior lucidez, a tentar transformar uma scena.

Foi: — um que ontem a noite, depois da jantar, enquanto a familia, offende-me com respeito, me supunha absorto em algum interessante problema do Deve e Haver, eu divagava sobre aquele lindo quadro «Almas de Mulher» do nosso Teatro Nacional, e a ideia me occorria de, para a «Mi-carame» (perdõe-me V. eu ignorar o termo vernaculo que dignamente substitua a expressão estrangeira), serem os respectivos papeis interpretados por cavalheiros e, possivelmente, com a seguinte distribuiçao:

«Menina e moça» — Nascimento Fernandes.

«Soror Violante do Céu» — Robles Monteiro.

«Pia de Murtas» — Alexandre de Azevedo.

«Sempre Noiva» — Francis.

«A Garça Real» — Samwell Dinis.

«Marilla de Dirceu» — Sales Ribeiro.

Isto, para não substituir integral-

mente todo o quadro por um outro que achem (creio mesmo ter sido V.) preconizou intitular-se «Almas de Cantaro» e que poderia ter as seguintes personagens:

Erico Braga, Henrique Alves, Alves da Cunha, Rafael Marques, Estevão Amarante e Gil Ferreira.

Rogando a V. que me perdõe a ousadia de o ter importunado e não ocultando o desvanecimento que me causaria vêr a minha ideia perfillhada pelos simpaticos artistas-empregarios do nosso primeiro teatro, sou de V., etc., João Pires.

A ideia aí fica. Que seja ou não aproveitada, isso não é connosco. A rossa obrigação está feita... Os outros que façam a deles, se lhes dêr na gana...

QUAL seria o homem que faltava na companhia L.-E.?... Ah! já sabemos... Era um dos maridos da senhora... que tinha fugido.

O actor L. F. anda estudando a accusa dos nossos teatros. Esta epoca já representou no T. Ap., no T. N. e diz-se, agora, que vai para o T. Av.

Como esteve no T. da T., julgamos que só lhe falta ir para o T. S. C....

Tudo pode acontecer... A temporada de inverno ainda não acabou...

NO comentario que fizemos, ha dois numeros, a traducção duma comedia franceza que esteve em scena no T. N., dissemos que ela

não nos parecia muito portuguesa. O que não poderia depreender desse comentario é que preferiamos as boas traducções brasileiras as más portugesas.

Essa afirmacão seria tão disparatada que nem ao nosso maior inimigo a atribuiriamos...

Demais, uma tal interpretação seria injusta, pois todos nós sabemos que se exportam para o Brasil muitas peças que nunca deveriam passar a fronteira...

RECEBEMOS a seguinte circular:

J. de F., evidenciando uma vez mais as suas altas qualidades de espirito e os primores do seu coração, resolveu promover a si mesmo, uma serie de banquetes de homenagem, na certeza plena de que os admiradores do seu robusto talento terão assim ensejo de lhe testemunhar o alto apreço em que o teem.

Quer ter a gentileza de se inscrever para esta curta serie de espectaculos que vai de 1 a 15 de Abril?

Parece-nos haver nesta circular uma certa originalidade. O homenagemado propõe-se — é o que se deduz do escrito — ser homenageado, cada dia, por seu admirador. Assim conseguirá durante algum tempo almoçar e jantar a custa dos homenageantes...

Desta maneira, acabam os eternos promotores de banquetes de homenagem.

E o que he de fazer, de hoje para o futuro, o nosso amigo Gui?

O HOMEM DAS 5 HORAS.



ARMANDO RODRIGUES — o conhecido pianista que compoz a lindissima musica para o quadro historico «Almas de Mulher».

Graça dos outros

— Um menino tão bonito e com as mãos sujas de tinta encarnada. Como arianjou o menino isto?
— Estive a fazer festinhas na cara da mamã!

* * *

— Oh! mamã, o que fazem os anjinhos no céu?

— Cantam, tocam harpa, violino, etc.

— E não tocam piano, como a mamã?

O pai, distraído: — Não, meu filho. Isso é só no inferno.

* * *

— Oh! papá. O que é bigamo?

— Olha, meu filho: é um homem que é duas vezes idiota.

* * *

A esposa para o marido:

— Tu não calculas como eu estou, Jorge. Estou meio morta.

— Isso é velho habito teu deixar as coisas a meio.

* * *

Ela: — V. Ex.ª e eu poderíamos estar sempre de acôrdo.

Ela: — Ah! sim. Mas... é que eu não desejo casar.

— Nem eu, minha senhora. Como vê, estamos de acôrdo.

Quadras

de homem para mulher

Quanta mágoa te devora
dize lá a quem quizeres,
porque eu não nasci agora...
já conheço bem mulheres.

Tentei beijar-te e fugiste,
mas, após grande cancelira,
cedeste logo que viste
quanto eu tinha na carteira.

Acredita: sou feliz
quando te vejo troçar;
recordo o risão que diz:
— Quem desdenha quer comprar.

Se alguém quiser vêr contente
A mulher que se deseja,
deve levar-lhe um presente
que ás outras desperte inveja.

Ha quem diga que não ha
outro amor como o primeiro.
— São tontos, deixai-os lá:
O amor é o dinheiro.

Chamei-te estrela de amor;
chamo hoje constelação,
porque és a «ursa maior»
a quem eu dei atenção.

Se o amor livre algum dia
chegasse a ser adoptado,
depois o mundo seria
só de filhos... do pecado.

VITERBO DE CAMPOS.

Os russos em Paris



SCENAS DA SCENA

Lunes, se le dará...

Se isto não se passou, eu seja cão,
negro como carvão
ou coisa equivalente!...

Tenho até testemunhas, p'ra quem queira:

— O Lino, o Acurcio, o Luna d'Oliveira
e o Luer, tudo gente que não mente...

Então, — como a saudade me contrista! —

Trazia-nos aos cinco numa fôna
«O Cabaz de Morangos» — a revista
da Maria com olhos d'azeitôna.

Resumindo: — uma Maria

composta de produtos vegetais!...

A peça estava pronta mas, um dia,

o Climaco lembrou, não sem razão,

um prólogo ligeiro, simples, presto,

que ao publico falasse ao coração

e o dispuzesse bem, p'ra vêr o resto.

Assente, pois, o prólogo e, pensado,

— aqui é que não pode haver segredo... —

ficámos de fazê-lo, p'ra ser dado

à graciosa Deolinda de Macedo.

Desde então, inda mal nos avistava,

— ao Lino, ao Luna, e a mim que o caso conto —

a boa da Deolinda perguntava:

— «E o prólogo? Afinal, quando está pronto?»

Desculpas nossas, evasivas, lérias,

e ela num tom chorado de badalo:

— «Olhem que isto são coisas muito sérias!

Não se esqueçam que tenho que estudá-lo!...»

Em conclusão:

— a pobre da pequena

inda não tinha o prólogo, em questão,

a quatro dias d'ir a peça á scena!...

Ora um sabado a noite, reunidos

no palco e discutindo o ensaio havido,

d'imprevisto chegou-nos aos ouvidos

o estribilho fatal, já conhecido:

— «E o prólogo? Afinal, quando está pronto?»

Sem ter que responder de mal ou bem,

eu fiquei como tonto e, como tonto,

tambem o Luna se quedou... Porém,

o Lino, numa grande espanholada,

com um descarro como igual não ha,

respondeu á pequena, consternada:

— «Lunes, se le dará».

— «O Lunes mo dará? — diz a Deolinda...

Mas é que o Lunes manda-me p'ra o Lino,

o Lino para o Lunes, e não finda

esta parodia, por meu mau destino!...»

Ah! o que a gente ri!... Lunes, p'ra ele,
não era mais do que uma brincadeira
com que o Lino, por simples corruptela,
mudava o nome ao Luna d'Oliveira.

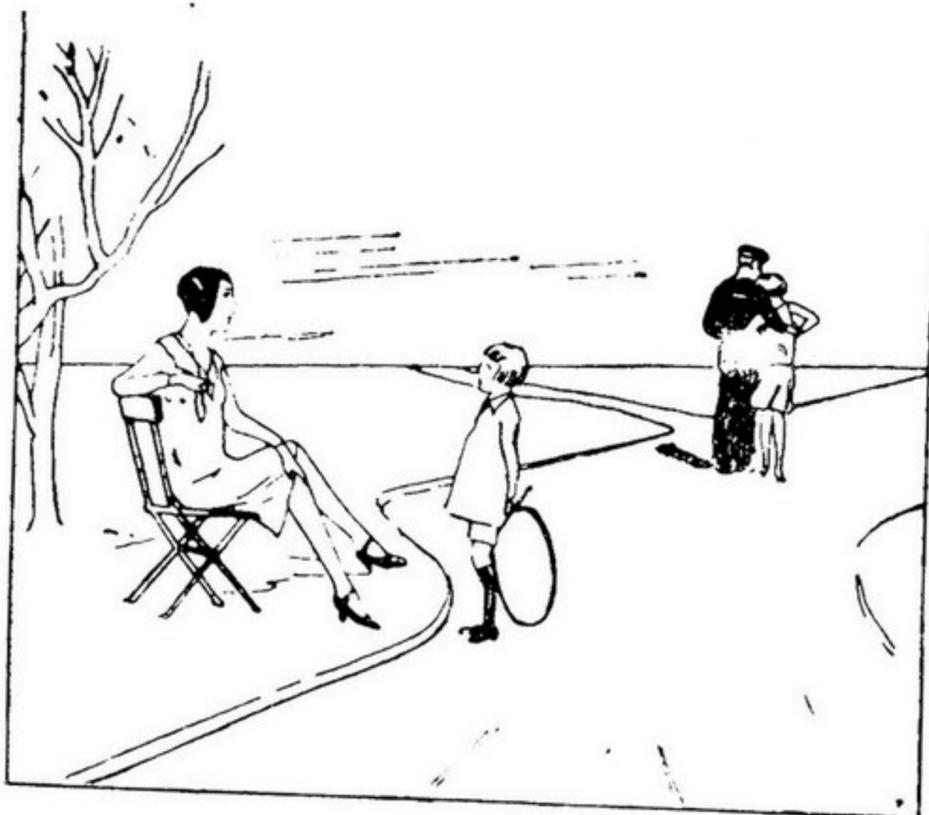


Carlos Ornelas

Jornalista para todos os generos: marcial, turistico e ferro-viarlo

SILVA TAVARES.

Oh! Escolas semeai...



SCENAS DA VIDA

Uma noite de primeira

Trrrrriiiiiimmmmm...
 A orquestra rebenta com a musica e o publico, que está morto por rebentar a rir, rebenta num barulho infernal com as cadeiras para se sentar.
 Sob o pano. Algumas simpaticas coristas, numa desafinação muito bem afinada, cantam uma musica francesa feita por um dos nossos mais inspirados tradutores musicais.
 O primeiro quadro, que é da gente escangalhar a rir toda a plateia, acaba e começa imediatamente o segundo — um quadro perfeito no genero imperfeição.
 Na «Pescadinha de rabo na boca» — um papel em que os autores puzeram todas as esperanças — aparece a baleia da companhia. Em compensação, o «Homem forte e viril a quem toda a mulher se entrega» foi distribuido á pescadinha de rabo na boca lá do teatro.
 O publico delira de aborrecimento, e os autores, que são, como o ministro das Finanças, de «antes cobrar que torcer», dizem uns para os outros que o publico é uma besta; que não percebe a boa graça portuguesa arranjada nas revistas humoristicas lá de fora.
 Lá dentro, no palco, vai uma azafama enorme. A *estréla* prepara-se para cantar o *couplet* da natalina, um numero que vai matar a «traça» que o publico tem de um numero de agrado.
 As coristas andam num sarilho de baixo para cima, a subir e a descer as escadas que dão para os camarins e pedem a Deus o milagre da revista pegar, porque a unica coisa de graça que ela tem são os vinte e um dias de ensaios.
 Vem o terceiro quadro. O quarto. O quinto. Ha na plateia gente tão satisfeita que, ao aparecer um publico cheio de quadros e cinco semanas, alguém lembra a peço dos autores.
 A apoteose do 1.º acto é um estafado tema sentimental. O pu-

blico ri contente e sai para os corredores dando o dinheiro por muito bem empregado... num cinema.

 Trrrrriiiiiimmmmm...

 2.º acto.
 A orquestra rebenta outra vez com a musica. O publico, que está satisfeittissimo com o «sucesso», na certeza de «quem espera sempre alcança», espera que o segundo acto seja melhor e alcança os seus lugares.
 Vem o primeiro quadro; depois o segundo, que por sinal devia ser o terceiro, e entra um actor numa rabula que tem imensa piada por não ter graça nenhuma. Ouvem-se palmas. O publico começa a aquecer. Os autores a sentirem-se homens de talento. O empresario a esfregar as mãos de descontente.
 O ponto, que tem uma voz tão bonita que se ouve em toda a sala, mostra mais ainda o seu poder vocal porque o artista que está agora em scena, como é um rapaz estudioso, esquece-se sempre de estudar os papeis.
 Veem mais uns quadros, entre eles um de comedia, original dos autores, copiado duma revista de Paris, e finalmente, a apoteose.
 Palmas e mais palmas. Chamadas aos artistas, ao ponto, ao maestro, ao ensaiador, ao empresario, aos scenografos.
 E, por fim, como certa vez em Espanha, o publico pede a cabeça dos autores.
 — Para mim — diz uma voz — a orelha. Sou um doído por orelheira de burro!

O publico sai; os porteiros fecham as portas e o empresario fecha o teatro oito dias depois.

LUIZ FIGUEIRA.

O Bicho é homem ou mulher?

Recebemos a seguinte carta:

«Sr. Director: — Estou como uma pantera!
 Acabo de enviar, indignado, á redacção do *Diario de Noticias*, o seguinte:

«Srs. Acacio, Valença & C.»

Protesto (a mim não me convem)
 Com quanto força tiver.
 Prometeram-me bicho-homem
 E dão-nos bicha-mulher!!

E' bom que isto se torne publico desde já para a pouca-vergonha não passar em julgado.

Porque temos todos de concordar:

Em bem servir não capricha
 Quem por homem dê mulher,
 Quem por bicho a sogra der...
 E sogra como uma bicha!...

Aqui tem, sr. Director, a carta que enviei áquele jornal. Se acha digna de a dar á estampa — pois que ela deve morrer entre os originaes dos anuncios das criadas — era favor. E' uma defeza e uma prevenção. Afinal o bicho é homem ou mulher? O pão tem farinha ou tem farelo? — De V., etc., — *Um incorrigivel concorrente de todos os concursos.*

Elevador da Gloria

Um musico muito conhecido ia uma vez pela rua tão abstrato com uma arla nova que levava na ideia, que, sem reparar, bateu com a bengala, que levava em ar de batuta a marcar compasso, na vidraça de um lojista, quebrando-lhe um vidro:

— Tenha paciencia.
 — Pague-mo. São dois francos e meio — lhe disse o negociante.
 O maestro puxou por uma moeda de cinco francos, dizendo para o lojista:
 — Não me fale á mão que estou pensando numa coisa. Troque e dê-me a demasia.
 — Não tenho troco, mas vou buscar ali defronte. Espere um instantinho.
 — Não posso demorar-me, mas é o mesmo, arranja-se a coisa de outro modo.
 Quebrou-lhe outro vidro e foi seguindo pacificamente o seu caminho.

O industrial: — Conseguiu que se imitassem na perfeição os generos da Companhia?
 O gerente: — Sim, senhor. Todos eles perfeitamente.
 O industrial: — Muito bem. Ponha-os no mercado e arranje uma circular avisando o publico das vis imitações.



Virginia Victorino

A inspirada autora do precioso livro «Kamerades», inspirou-se na arte teatral e vai dar-nos sexta-feira, no Teatro Nacional, uma alta comedia a que poz o titulo «Degredados». O «Sempre Firme» confia no exito da peça e deseja á nova «dramaturga» as maiores felicidades.

Como elas são

Ela: — Então isto é que são horas de vir jantar?! Já viste que horas são?

Ele (paciente): — Já! E depois?...

Ela (tirada): — E depois?! Ainda me perguntas: e depois?... São 7 e três quartos... Achas bonito?!...

Ele: — Pois sim!...

Ela: — O jantar é às 7 e meia e não às 7 e 3 quartos... Você sabe bem isso...

Ele: — Oh! filha! Tem paciência! Lá por vir um quarto de hora atrasado, estás para aí a fazer um berreiro!...

Ela: — E achas que não tenho razão?!

Ele: — Claro que não, filha!

Ela: — Ah! não tenho. Eu que sofro tanto do estomago, ter que estar um quarto de hora á espera para jantar!

Ele: — Tem paciência, filha. Um dia não são dias...

Ela: — Pois sim... Hoje foi um quarto de hora. A'manhã são vinte minutos. Depois de amanhã, meia hora. E assim sucessivamente.

Ele: — Não digas tolices!

Ela: — Pois não... O que tu queres é que eu estrague o estomago para me veres num caixão!...

Ele: — Oh! filha! Eu te conto porque vim tarde: um amigo meu teve uma necessidade urgente de um dinheiro grande eu tive que correr Seca e Meca para o arranjar...

Ela: — Já sei... Foi para o malandro do teu amigo Lino. Qualquer dia, todo o teu dinheiro está nas mãos desse patife!

Ele: — Não digas asneiras...

Ela: — Então não queres que eu lhe chame malandro. A ele, que te obriga a ti a escangalhares-me o estomago. A fazer-me esperar por ti para jantar...

Ele: — Pois bem... O dinheiro foi para o teu irmão, que assinou um cheque sem cobertura!

Ela (caíndo-lhe nos braços): — Oh! Alfredo!

Ele: — Micas!

Ela (com carinho): — Como tu és bom...

Ele: — Bem! Agora que fizemos as pazes, vamos lá ao jantar. São 8 horas...

Ela: — Tem paciência, meu amor; espera um bocadinho...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Ele: — Então?!...

Ela: — E' que eu dei licença á criada para sair hoje, e o jantar só está pronto ás oito e meia...

Conto alemão

Herr Franz Grugzer, cidadão de Leipzig, antigo soldado do imperador, era um desses alemães specimens, alto, entroncado, pescoço de girafa e dum louro a deitar para cenoura. Casara havia dez anos com Frau Elsa, uma *frau* que, segundo todos os amigos do marido, era um petisco nada mau — e desse casamento florara um bebé — o gracioso Otto, de seis anos de idade.

Herr Franz era comerciante. Importava vinho do Porto feito com cascas de batata em assucar, nas importantes fabricas de Dressni; e depois de o etiquetar com o rótulo de *Porto-Wine-Batate*, tornava a exportá-lo para a Alemanha. O negocio prosperava a olhos vistos e havia já dois anos que ele comprara, no Esteril, um *chalet* elegante e apalaçado, onde passava, com a familia, a maior parte do ano.

Infeliz ideia a de Herr Franz em se instalar no Estoril. Estava escrito que o Estoril lhe seria fatal. Num *chalet* visinho vivia um precioso e elegante mocinho, daqueles que tomam pasteis e que são para os corações das mulheres casadas o que os carteiristas são para as carteiras.

Dizia D. João V ao confessor, — que censurava as infidelidades conjugais, sendo a rainha bela como era — que «nem sempre galinha nem sempre rainha». Frau Elsa estava farta da côr de cenoura do marido e deixou-se tentar pela côr morena e pelos olhos negros do visinho...

Uma manhã, Franz demorou-se a almoçar e quando ia correndo, em passo ritmico de *sportsman*, para a estação, viu que se esquecera da carteira em casa. Ora na carteira estava o passe e o dinheiro. Não havia outro remedio senão abdicar daquele comboio e voltar a casa.

— Bem feito, seu Franz — dizia ele a si proprio. — Você nao ter miolos e as suas pernas é que pagar seu esquecimento...

Entretanto, Frau Elsa, julgando-se em liberdade até á hora do jantar, deixara o filho e as creadas no jardim e, com o pretexto de se sentir adoentada, fechou-se no quarto. Escusado será dizer que já fizera sinal ao visinho e que este entrara surreitamente pela porta de serviço.

Quando Otto viu Franz aparecer no jardim, correu logo a informá-lo.

— Papa! Papá! A mamã está doente! Foi deitar-se...

Marido modelar, Franz ficou logo alvoroçado e inquieto. E a esposa, ao reconhecer-lhe a voz, mal teve

tempo de esconder o amante debaixo da cama.

— O' minha querida Elsa! — exclamou Franz, entrando no quarto seguido pelo filho. — Então que vem a ser isso? O que é que sentes?

— Não é nada, Franz... Umas dores de cabeça... Não tem importancia!

— Ah! Ter muita importancia! Eu não querer que meu amórsinho tenha dores de cabeça e vou já...

Otto interrompeu o pai, puxando-lhe pelo braço e denunciando, muito palido, o seu susto:

— Papá! Papá! Olha o papão...

— Otto não ter vergonha? Um menino alemão não ter nunca medo de papões!

E, voltando-se para a esposa, prosseguiu:

— Oiça, meu amórsinho. Eu ir mandar a criada azer um *chásinha*...

— Não te incomodes, Franz... Isto ha de passar...

— Não, senhora! Você vai tomar um *chásinha*...

De novo o filho o interrompeu, aflitivamente:

— Papá! Papá! Olha que está ali um papão!

— Eu já ter dito ao menino Otto que um alemão não acredita em papões...

— Mas eu estou a vêr daqui um papão?

— Palerma! Onde está o papão?

Enquanto a pobre Frau Elsa se fazia de mil côres, Otto espetava um dedo para debaixo da cama e exclamava:

— O papão está ali, papá!

Franz curvou-se e deu com o visinho; as suas faces sempre coloridas tornaram-se rubras; os seus olhos bogalhudos esgazearam-se; os punhos fecharam-se num gesto de ameaça...

— Saia já daí! — ordenou ele de voz tremula...

— Franz... Franz... — gemeu a esposa, visionando já uma tragedia.

— Deixa-me, Elsa! Não me digas nada.

O mocinho conquistador, muito enfiado, tremulo e silencioso, rastejou até se evadir do seu esconderijo e, rezando um Padre-Nosso, ergueu-se na certeza de que o fazia para cair de novo, ao menor sóco do alemão. Este encarou-o de frente, anforou os braços e semicerrando as palpebras, começou:

— O senhor não ter vergonha, ser já um homem grande como é e andar a meter medo as creanças e a fazer de papão em casa dos visinhos? Se tornar a assustar o meu Otto prego-lhe uma sova, ouviu?

E não se passou mais nada.



Como *A Aldeia do Pecado* pôs na moda rapar da pena para defender, qual cavaleiro em prol de sua dama, os nossos amiguinhos íntimos e privados, estava disposto a levantar a ferradura (Não me consta que os burros calcem luvas) lançada nas colunas do nosso colega *Cinéfilo*, semanario muito apreciado pelas sopeiras com aspirações a *star*, ao rôsto do nosso camarada Antonio Lopes Ribeiro, redactor cinematografico do *Diario de Lisboa*.

Mas o meu simpatico amigo acaba de me telefonar, comunicandome ter liquidado a questão no campo da honra, á Rua Antonio Maria Cardoso, dando dois piadéticos acoites na cara do menino Jôzinho. O triste papel do desventurado moço... de freles ficou assim reduzido a um mero papel higienico, a que o meu amigo Antonio Lopes Ribeiro limpou o megafone, depois de ter feito, de côcoras, alguns «modos de vêr» em forma de paroxismo.

Contudo, hei por bem prevenir o respeitavel publico que a historia das *Asas* ainda vai dar muito que falar, deixando muita gente *desasada*. Tenho, por exemplo, para publicar em folhetins no *Sempre Fixe*, dois romances brégeros de arromba, que deliciarão os nossos leitores. Só lhes digo que, não aparecendo ninguem de côcoras (Patente registada em nome do nosso amigo Antonio Lopes Ribeiro), aparece muito boa gente... de gatas.

E agora, vamos ao resto, que se faz tarde.

O fantasma de *Miss Edith Carrell*, talvez por ter nascido na fria Londres, não se deu bem com o nosso clima. Os ventos agrestes que sopram de além-Rheno constiparam-na. E nem as cataplasmas IGE, nem os suadoiros LAGG (passe o reclame) tem conseguido curá-la. Mas o estado da enferma ainda não é desesperado, aguardando-se que haja um medico que saiba aplicar a pastilha providencial.

O Beija-me subiu á cabeça de muitas cinéfilas, implorando outro tanto aos cinéfilos parceiros, que não se fizeram rogar.

Os Pilotos Condenados ou *A Legião da Morte*, têm asas (Lagarto, lagarto, lagarto!) mas não *aboom*. O publico estranhou a ausencia da canja de barulho peculiar aos filmes aeronauticos, e a ausencia da pateada peculiar aos filmes do *Tivoli*. De facto, aquilo nas estreias costuma ser um pagode. Até na apresentação da *Mãe!* Eu estava ao lado dum desses pateadores de profissão que substituem a claqué sem vantagem. Quando chegou a altura do banze, tocaram a gaita do costume — mas que gaita! — e o nosso homem começou a sapatear a *seguidilla* do estilo. Embora a minha missão não me permita manifestar-me, voltei-me indignado para o *quidam* cinéfilo e berrei:

— Homem! O senhor não vê que é *A Mãe?*

O safardana olhou-me e declarou:

— Ainda que fôsse *O Pai!*

E continuaria na sua ruidosa sanna, se eu não o tivesse esquarterado.

RETARDADOR.

Quereis dinheiro?
Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes



As peugas dá moda, o cão e o "papo-seco"

DESSPORTOS

O Marechal Hermes do foot-ball portuguez Malficará



Consta que o Benfica se tornará independente, fazendo o campeonato sozinho

O sr. Placido de Sousa, actual presidente da Associação de Foot-ball de Lisboa, é o Marechal Hermes da Fonseca do foot-ball portuguez.

Não sei se os leitores se recordam ainda dessa alta figura do exercito brasileiro e que ascendeu á Presidencia do Brasil. Mas o certo é que o marechal tinha uma fama terrivel de jettatore e absolutamente justificada. A ele nada lhe acontecia, mas levava sempre atraz de si um cortejo de desastres, de catastrophes, de conflitos, de desgraças. Esteve em Lisboa em principios de Outubro de 1910. Foi-lhe oferecido um banquete no palacio real. Ai ele saudou entusiasticamente D. Manoel. Horas depois estalava a revolução republicana.

E a superstição brasileira ácrica de azar que o Marechal expedia em ondas arreigou-se de tal forma que a entrada de Hermes num electrico correspondia á saída imediata de todos os passageiros!

Pois o sr. Placido de Sousa é o Marechal Hermes do foot-ball nacional.

Vossas Excelencias devem ainda estar lembrados dum conflito que se deu ha anos por causa dum desafio *Benfica-Carcavelinhos*.

Esse conflito teve grandes analogias com o actual. Tão grandes analogias até, que certas atitudes tomadas agora pelos partidarios do *Benfica* são copiadas das que o *Carcavelinhos* tomou então.

Tambem se protestou um desafio perdido por um *goal* no campo das

Amoreiras, em situação muito anormal de publico...

No dia da resolução do protesto, a gente do *Carcavelinhos* foi em massa á Associação... E por sinal que se manifestaram largamente na escada, por forma muito visível e bastante liquida.

Emfim: — o conflito teve grande eco, e foi sério...

Quem era, nessa epoca, o presidente da Associação? — O sr. Placido de Sousa.

E' ainda relativamente recente a scasacional questão que surgiu na Federação Portuguesa de Foot-ball por causa da ida do *Vitoria* ao Brasil.

Esse conflito foi indiscutivelmente o mais grave que até hoje tem surgido naquele organismo. Tão grave — que levou a uma scisão gravissima.

Quem era o presidente da Federação? — O sr. Placido de Sousa.

Temos agora na Associação de Lisboa aquella linda historia que todos sabem de cor e saltado.

Nem por sombras nos atreveriamos a entrar no tortuoso caminho do: — *quem tem razão?* Nestas coisas ninguem tem razão. A razão mesmo não tem nada que ver com estas coisas.

O que sabemos é que o conflito chegou a um tal acume que: — o mais antigo e o mais popular dos clubs portuguezes tenciona abandonar as provas da Associação.

Quem é o presidente da Associação? — O sr. Placido de Sousa!!!

O que é mais curioso é que o sr. Placido de Sousa é, evidentemente, a antítese dum conflituoso. Não ha pessoa mais amavel, mais cordata, mais amiga de fazer vontades, mais desejava de apaziguar questões — mais bom rapaz, emfim!

Então? Então... é assim mesmo... é a *jettatura*... é o Marechal Hermes...

Placido de Sousa parecia ter-se retirado das rixas do foot-ball após a questão *profissionais-amadores* na Federação.

Tendo tomado então um atitude nobilissima, ter-se-ia retirado *en beante*. Mas não! O perigo atrai o sr. Placido de Sousa tal qual como o sr. Placido de Sousa atrai o perigo.

O NOSSO GRANDE CONCURSO DOS SILVAS DO FOOT-BALL

Termina hoje o celeberrimo concurso dos Silvas. O Silva de hoje, se o não é, podia sê-lo. Pica que nem um rôlo de quilometro de arame farpado, que nem uma data de melgas nas margens dum paul.

-- O senhor não pode entrar com esse cartão!

-- O' senhor... Aqui é que está a Adivinhação, que rima mas não é ver lade, porque ele é e não é.

As cadernetas podem ser desde já recebidas e podem erer que o

serão com muita alegria e muito contentamento.

Habilitai-vos aos gordos e taludos premios que publicamos.

Mandai as vossas decifrações e receberéis em troca uma senha comprovativa do vosso esforço cerebral em adivinhar tão intrincadas charadas.

Mandai sem demora e em breve tereis o premio da vossa persistencia.

Concursum encerratum est.

Quem é este?

Não é Silva, mas podia ser Silva, pois com franqueza pica mais e arrelia.

Do que um Silva que se preza.

Vai-se no campo a entrar
E o falso Silva é capaz
De emberrar por não picar
O cartão que a gente traz.

Nos campos, logo á entrada,
Ha um medonho silvado.
Em que a tropa é comandada
P'lo nosso biografado.

Barão da Silva, ou talvez
Barão do arame farpado.
Quem passa pelo maneiz
De certo fica arranhado.

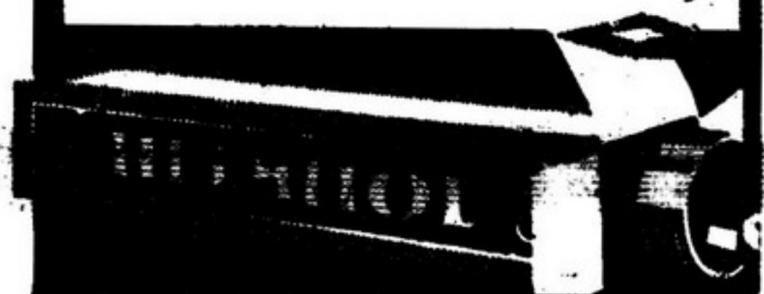
Adivinhem quem é ele!
Puxem, senhores, p'la tola!
E veem quem tira a pele
Ao povo que vai á bola.

ZE MARIA.



B
A
Y
E
R

Para a desinfecção interna
prefira os
Comprimidos de Helmitol.



Use V. tambem

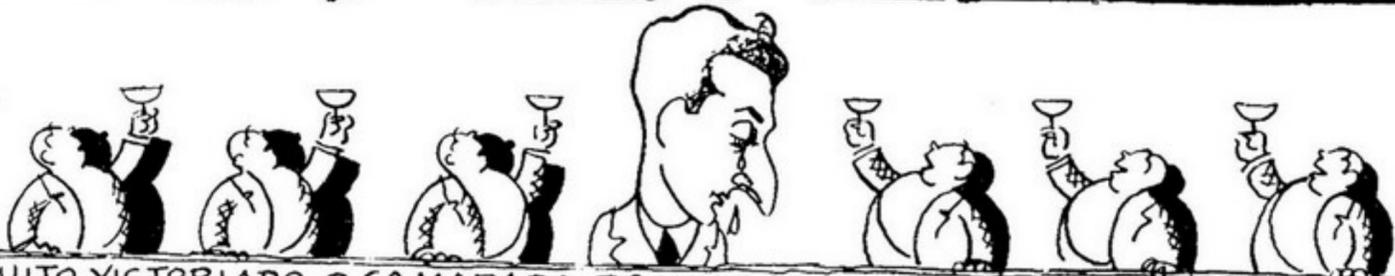
ASPIRINA

que combate as dores e aumenta o bem estar, sem prejudicar o coração ou os rins.

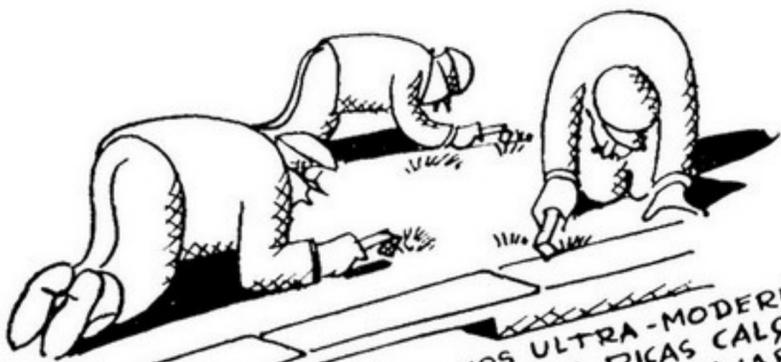


Tambem a Aspirina é um produto da acreditada casa **Bayer**

ECOS DA SEMANA

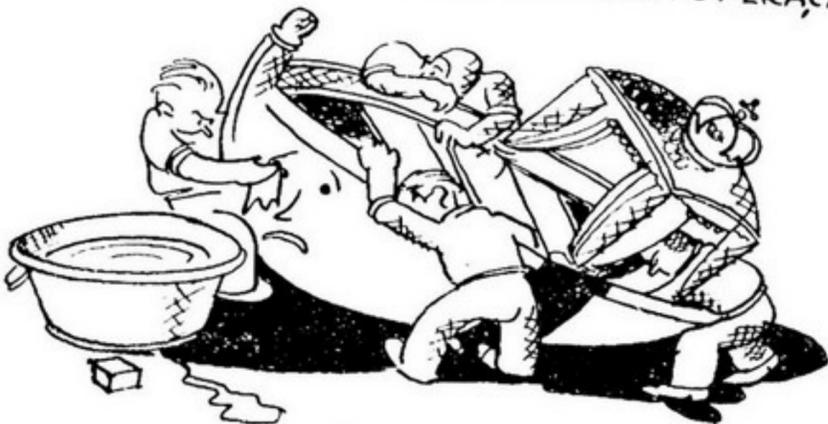


FOI MUITO VICTORIADO O CAMARADA PORTELA NO ALMOÇO DO ROMA ONDE 80 PAPAS PAPARAM E FALARAM - ASSIM SE PROVOU QUE QUEM TEM BOCA VAI AO ROMA -



COMEÇARAM OS TRABALHOS ULTRA-MODERNOS DA CAÇA "ERVA" - LA' SE VAO AS RICAS CALÇAS NOVAS QUE NOS CUSTARAM TANTO A GANHAR -

COMO O BERGANTIM REAL JA' NÃO ESTIVESSE ACOSTUMADO A LAVAR A CARA, FOI DIFICIL CONVENCE-LO A ESSA OPERAÇÃO

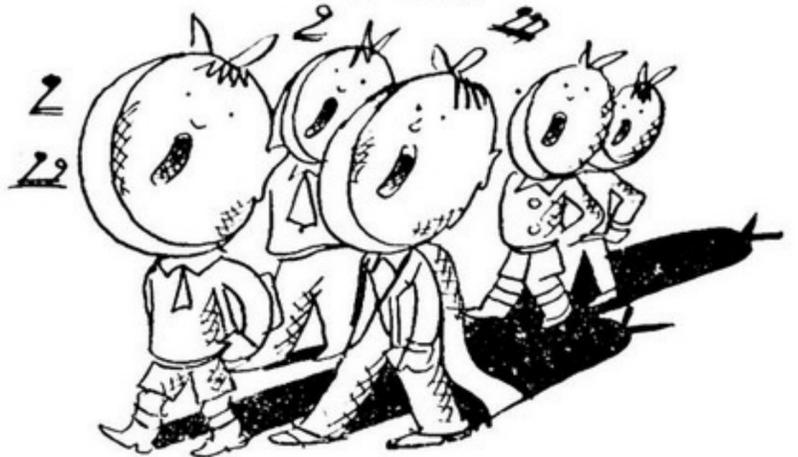


O ESPIRITO PRÁTICO INGLÊS JA' DESCOBRIU O APARELHO PARA FAZER O TÚNEL SOB A MANCHA - UM BOTÃO ELECTRICICO UM PUM... E ESTA' O CANAL "TÚNELADO"



O SNR. TEM UM GRANDE SINTOMA "PSITACÓSIKO" E NÃO PODE PASSAR A FRONTEIRA !!!

NÃO FOI PAPEIRA O QUE APARECEU NO LICEU CAMOES - OS INCHAÇOS FORAM PROVOCADOS PELOS CÚROS ARREVESADOS DO PROFESSOR SILVA REIS



NO "FILM" CASTELÃ DAS BERLENGAS HA DE TUDO - CRUZADORES, PEIXES, CASTELLOS, AVIÕES, MULTIDÕES DE HOMENS... MAS MULHERES... "VISTE-LAS"? MAS APESAR DESTA FALTA, MUITOS PARABENS DO "FIXE"

